

MONUMENTOS AOS MORTOS DA CIDADE DE CAMPINAS

ELUSTA, Halima Alves de Lima; **BORGES**, Maria Elizia.

Mestrado em Cultura Visual – Faculdade de Artes Visuais – FAV/UFG

Palavras Chave: *cemitério, arte funerária, marmoristas, Campinas.*

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A pesquisa tem como objetivo aprofundar o estudo da arte funerária no Brasil, especificamente no Cemitério da Saudade de Campinas, em São Paulo, e como produção final registrar monumento como capelas, jazigos e esculturas relevantes para a história da arte e para arte funerária, em formato de catálogo, seguido de análise estética das obras. Durante a pesquisa foram encontrados plantas dos túmulos pesquisados, o que enriquece o estudo, possibilitando a comparação das obras ainda existentes e seus projetos.

Para compreender como se deu a formação desse cemitério é preciso traçar um histórico das mentalidades do homem ocidental em relação à morte nos últimos séculos.

A bibliografia existente sobre o tema mostrou que estas obras são resultados da necessidade humana de construir monumentos para eternizar a existência é consequência da capacidade humana de manifestar sua idéias, como o medo de lidar com o desconhecido inevitável, a morte. O “homem é, na verdade, o único animal que deixa registros atrás de si, pois é o único animal cujos registros ‘chamam a mente’ uma idéia que se distingue da existência material destes. Outros animais empregam signos e idéias estruturas, mas usam signos sem perceber a relação de significação e idéias estruturas sem perceber a relação da construção.” (PANOFSKY, 1991, p. 23)

As civilizações da Antiguidade puderam ser conhecidas pelos objetos acumulados nos túmulos, como se as riquezas conseguidas em vida perdurasse durante a morte, como no caso dos faraós egípcios que tinham seus túmulos, as pirâmides, construídas para lembrar a monumentalidade de sua existência, e suas riquezas eram enterradas em seu interior junto aos objetos pessoais. Esse costume enterrar junto ao morto objetos que possuía em vida continuou até a Idade Média.

As civilizações da Idade Média até o século XVIII não possuíam cemitérios visíveis, os túmulos se concentravam no interior das igrejas ou ao redor delas. A religiosidade e poder da Igreja que marcam este período, que fazem o homem temer a Deus e crer na separação entre corpo e alma está refletida da mesma forma nas obras funerárias, e a identidade e a preocupação com a salvação da alma de cada indivíduo é registrada nos epitáfios e esculturas. No romantismo é dada ênfase as pessoas que permaneceram no mundo dos vivos e ao sentimento de dor da perda de um parente ou amigo, é a morte romântica. As obras funerárias passam a ser totalmente voltadas ao mundo dos vivos.

A partir do século XIX as necrópoles surgiram novamente nas paisagens urbanas. Mas este cemitério não é mais a reprodução em miniatura da cidade

dos vivos, como na Antiguidade, ou no interior das igrejas, mas dentro da cidade, afastada do centro visando a salubridade da cidade dos vivos. Esses cemitérios passam a ser enxergados como lugar de memória e eternidade. Segundo Rodrigues, os séculos XIX e XX, marcaram o começo da mudança de mentalidade que ainda vivemos hoje, momento em que o homem já não tem a morte presente durante a vida e seus costumes. “O pavor de perder a salvação eterna progressivamente se deixou substituir pela esperança de viver mais, de poder protelar a morte, de ser surpreendido por uma descoberta científica capaz de cancelá-la”.(RODRIGUES, 1983, p. 192) Enquanto essa imortalidade física não é possível, o materialismo burguês encarregou-se de consolidar a imortalidade por meio de obras, do trabalho, de heranças e de monumentos funerários.

As necrópoles são a materialização dessas mentalidades. O cemitério moderno começou a receber mais atenção, no século XX, sendo alvo de preocupações estéticas, planejamento urbano e ecológico. Continua sendo afastado do centro urbano, mas não mais por medidas de higiene, como no século XVIII, e sim para proporcionar aos mortos um ambiente onde possam *descansar em paz*. É o modelo de cemitério parque, que não se parece com um cemitério, “ele corresponde à versão moderna de imposição do silêncio à morte” (RODRIGUES, 1983, p.195)

O Cemitério da Saudade de Campinas é o modelo anterior ao **cemitério parque**, o **cemitério museu a céu aberto**, típico em toda Europa ocidental no século XVIII e XIX, que marca o período de transição entre a Idade Média, quando o homem está voltado a sua religiosidade, e a Idade Moderna, em que o homem se volta a materialidade de sua existência. Este modelo de cemitério foi criado para acabar com os sepultamentos no interior das igrejas e próximos dos centros urbanos, com o objetivo de preservar a saúde da população. O Cemitério da Saudade hoje abriga um enorme acervo de monumentos que sintetizam todos esse percurso da relação do homem com a morte.

2.MATERIAL E MÉTODO (metodologia)

A pesquisa está centrada no período de 1881, até 1930, período áureo da agricultura cafeeira da região. O desenvolvimento econômico acelerado possibilitou a vinda de marmoristas imigrante, em sua maioria italianos, para que se estabelecessem na cidade. Dentre os marmoristas identificados, Marcelino Vélez, os Irmãos Coluccini, Aldo Puccetti e V. Lazzari se destacam pela quantidade e qualidade de obras ainda existentes no cemitério e pela quantidade de pedidos de autorização desses para construção dos túmulos.

A principais fontes dessa pesquisa são os monumentos funerários ainda existentes no cemitério, as plantas e pedidos de autorização dos próprios marmoristas e a bibliografia já existente sobre o tema.

O ponto de partida da pesquisa de campo é o registro fotográfico dos monumentos ainda existentes no cemitério, nas diferentes alas, que são os antigos cemitérios da cidade que foram transferidos para lá. Cada uma das obras escolhidas está sendo fotografada e catalogada em fichas que seguem a tipologia estabelecida pela Dra. Maria Elizia Borges, em sua pesquisa no

cemitério de Ribeirão Preto, que teve um processo de construção semelhante ao de Campinas.

Paralelamente, os pedidos de autorização para construção dos túmulos e as plantas registradas pelos marmoristas, que constituem um acervo de desenhos, existentes no Arquivo Histórico Municipal da Cidade, também são investigados e registrados fotograficamente para posterior comparação e reconstituição deste processo.

A bibliografia que está sendo estudada é específica de arte funerária no Brasil, ainda muito restrita e principalmente de arte funerária no mundo. Trabalhos sobre arquitetura também compõem a bibliografia básica para a compreensão das manifestações encontradas no Cemitério da Saudade.

O material recolhido está ser analisado tipológica e iconograficamente partindo dos trabalhos sobre arte funerária de Maria Elizia Borges e Philippe Áries, para posteriormente compor o catálogo com imagens que permita visualizar o percurso desses monumentos desde o momento de sua criação até o que efetivamente existe hoje.

Esse catálogo será constituído de fotografias dos monumentos, de algumas plantas e uma análise de cada uma das obras selecionadas. Será também proposto um folder para a administração do cemitério com os principais túmulos a serem visitados, a ser distribuído pela prefeitura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse cemitério contém uma síntese das manifestações funerárias, ocorridas desde o século I até o século XIX na Europa ocidental, explicitada pelos monumentos colocados nos cemitérios para perpetuar a memória de seus mortos. A responsabilidade desses sepultamentos passa a ser da prefeitura da cidade e não mais da igreja, são os chamados cemitérios secularizados.

A história dos cemitérios na cidade de Campinas foi abordada por Lorette em sua dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo, fazendo um resgate histórico dos antigos cemitérios e suas transformações físicas, por meio de recortes de documentos oficiais da Câmara Municipal, até a extinção desses e transferência para o cemitério municipal secularizado. O primeiro cemitério da cidade foi construído em 1753, destinado ao sepultamento de pessoas não batizadas, principalmente aos escravos. Em 1974 foi erguida a primeira capela provisória da cidade, onde eram sepultadas as pessoas "qualificadas".(LORETTE, 2001). Desde o princípio da história da cidade houve essa distinção entre os membros da igreja, os não católicos e escravo, e, posteriormente essa distinção se dá apenas pelo status social da população.

Os cemitérios de Campinas passaram pelo processo de modificação, no século XIX, seguindo os avanços da comunidade científica e as medidas de higiene estipuladas na Europa e no Brasil. O sepultamento no interior das igrejas chegou a ponto de ser inviável, e proibido por lei, principalmente pelo aumento populacional e disseminação de doenças causadas pelo contato dos vivos com os corpos em decomposição.

A medida tomada pela prefeitura municipal da cidade foi de criar um cemitério afastado do centro da cidade e a imediata transferência dos que já existiam para

este local. O ponto mais importante foi a mudança da administração. A distinção de classes sociais e crenças que antes se dava pela localização do cemitério passou a ser estipulada pela localização interna no cemitério. Além dessa distinção, a separação por meio dos túmulos e as obras que a compunham também surgiu como necessidade.

Caminhando pelo cemitério é possível para um leigo notar a diferença das obras que compõem cada um dos trechos. São diferentes estilos, desde reproduções de capelas neoclássicas até algumas obras mais contemporâneas. O Cemitério da Saudade é um cemitério secularizado, que tem como característica principal o estilo eclético, diferentes manifestações para perpetuar a memória dos mortos. Algumas obras encontradas no cemitério foram trazidas da Europa e a grande maioria produzidas em Campinas, mas os modelos eram retirados de catálogos com reproduções do era feito na Europa. Muitas vezes a família do morto escolhi uma escultura já pronta da vitrine ou misturava modelos existentes.

As obras encontradas no cemitério são principalmente capelas, jazigos e esculturas, os outros objetos funerários como urnas, fotografias e estátuas de bronze são encontrados em menor quantidade, devido ao estado de conservação precário em que se encontra e aos constantes furtos.

4. COCLUSÃO

A pesquisa ainda se encontra em fase de reestruturação devido ao material recolhido que está sendo selecionado, portanto ainda não é possível obter uma conclusão além do que já foi dito, que o Cemitério da Saudade de Campinas é um museu que abriga um acervo rico para história da arte e principalmente para a história da cidade, que pode ser investigado partindo das obras dos quatro marmoristas já citados.

Essa cultura de perpetuar a dor e memória dos que morreram na cidade de Campinas, assim como na Europa Ocidental e no resto do Brasil foi muito forte no período do final do século XIX e começo do século XX, mostrando o desejo dos cidadãos de serem lembrados por suas profissões, feitos e status social.

De acordo com a pesquisa já feita, pode-se concluir também que as plantas registradas nem sempre são condizentes com os monumentos que foram efetivamente construídos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁRIES, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1983): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte, C/Arte, 2002.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. Coleção Debates, São Paulo, Editora Perspectiva, 1991.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu de morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

Dissertações:

LORETTE, Antonio Carlos Rodrigues. *Cemitério em Campinas: a transformação do espaço para sepultamento (1753-1881)*. Mestrado em urbanismo, PUC-Campinas, Campinas, 2001.